



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADEMIR RODRIGUES

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-189

Entrevistado: Ademir Rodrigues

Nascimento: 11/03/1957

Local da entrevista: sala do CEME

Entrevistador/a: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Data da entrevista: 29/11/2010

Transcrição: Letícia Baldasso Moraes

Copidesque: Aline Rodrigues Guimarães

Pesquisa: Aline Rodrigues Guimarães

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 39 minutos e 15 segundos

Páginas Digitadas: 11

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

RODRIGUES, Ademir. *Ademir Rodrigues (2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Breve biografia do entrevistado; clubes no qual atuou como atleta profissional; relação com a família; futebol; futebol profissional; término da carreira de jogador profissional; atuação fora do campo; retorno ao futebol master; comercialização de atletas; descobertas de talentos; preparação de futuros jogadores; atividades profissionais atuais.

Porto Alegre 29 de novembro de 2010, entrevista com o senhor Ademir Rodrigues, mais conhecido como Lambari, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memórias do Esporte.

M.C – Começo perguntando para o senhor como foi o início do movimento com o futebol?

A.R – Eu iniciei minha carreira no Ipiranga de Erechim¹ com 14 anos de idade. Antes atuava por um clube amador de Erechim, que era o Atlético do bairro Linho². E aí o Ipiranga de tanto ouvir falar no meu nome no bairro, me procurou, conversou com os meus pais e eu fui fazer um teste no Ipiranga e acabei ficando. Aí fiquei 3 anos no Ipiranga na categoria de base, no juvenil aquela época. Disputamos o gauchão³ e com 16 para 17 anos eu já assinei o contrato profissional com o Ipiranga e já comecei a atuar como atleta profissional disputando o campeonato gaúcho. Fiquei três anos no Ipiranga e fui vendido para o Esportivo de Bento Gonçalves⁴ em 1977, foi a minha primeira transferência. No Esportivo eu fiquei cinco anos, sendo que nesse meio de final de campeonato eu era emprestado para outras equipes. Fui emprestado para o Juventude⁵, retornei para o Esportivo, que era meu clube de origem. Então... Juventude, Criciúma⁶... E em 1982 que eu fiz uma bela campanha pelo Esportivo no meu retorno e aí eu fui contratado pelo Grêmio⁷. Cheguei no Grêmio em 1983, fiquei dois anos até 1985 aonde nós tivemos aquela bela campanha de campeão da Libertadores⁸, campeão mundial... Depois do Grêmio rodei por outros clubes, foram vinte clubes em toda minha carreira, vinte anos de profissionalismo. Foi uma carreira longa, passei pela cidade de Sergipe, Vila Nova de

¹ O Ypiranga Futebol Clube, clube de futebol com sede na cidade de Erechim, no estado do Rio Grande do Sul.

² Clube extinto dos registros sabe-se que se situava na cidade de Erechim na década de 1970, em um bairro chamado Linho.

³ Campeonato Estadual do Rio Grande do Sul.

⁴ O clube Esportivo de Bento Gonçalves, foi fundado em 28 de agosto de 1919 na cidade de Bento Gonçalves, no estado do Rio Grande do Sul.

⁵ O Esporte Clube Juventude é um clube de futebol com sede na cidade de Caxias do Sul no estado do Rio Grande do Sul.

⁶ Criciúma Esporte Clube é um clube de futebol da cidade de Criciúma, no estado de Santa Catarina.

⁷ O Gremio de Foot-ball Porto Alegrense foi fundado em 15 de setembro de 1903 na cidade de Porto Alegre.

⁸ Campeonato Sul-americano de Futebol.

Goiânia de Goiás, São Bernardo do Campo SP, Inter de Limeira,⁹ retornei pro Sul, passei pelo Pelotas¹⁰, joguei no Brasil¹¹ e meu ultimo clube, encerrei a carreira no Santa Cruz¹² aonde foi em 1994 para 1995. Ai eu encerrei, pendurei a chuteira.

M.C – Então o senhor tinha uma vida de nômade? Para lá e para cá...

A.R – É. Eu não parava. Era um ano, seis meses aqui, seis meses ali. Fiquei mais tempo no Esportivo, no Grêmio que foi dois anos, no Pelotas quatro anos e no Brasil dois anos. Os outros clubes eram mais contratos menores, seis meses, três meses... Então era rápido.

M.C – E nesse tempo o senhor casou, teve filhos...

A.R – É... A minha família toda é de Erechim. Eu casei em Erechim, no segundo ano de contrato com o Esportivo. Até casei bem jovem, eu tinha vinte e um anos e estou casado até hoje. Até hoje estou com a mesma esposa [risadas].

M.C – E como era a questão do apoio da família? Eles acompanhavam? Tua esposa?

A.R – Naquela época era meio complicado para o atleta. O atleta não era bem quisto na sociedade, não era bem visto. Então era muito preconceito. Para vencer na carreira não era fácil, era *muito* mais difícil do que hoje. Hoje o atleta já tem entrada na sociedade, ele já é orientado pelos empresários, ele já chega mais longe nos estudos... Então modificou muito. Naquela época nós sofriamos muito com o preconceito.

M.C – Então a família permaneceu sempre no Rio Grande do Sul? Não foi para os outros locais que o senhor foi?

⁹ Associação Atlética Internacional ou Inter de Limeira, como é mais conhecida, é uma equipe de futebol da cidade de Limeira, no estado de São Paulo.

¹⁰ O Esporte Clube Pelotas é um clube de futebol da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Conhecido como *Lobão*, em referência ao seu mascote oficial.

¹¹ Grêmio Esportivo Brasil é uma agremiação esportiva de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, fundada a 7 de setembro de 1911. Sua mascote é um Índio Xavante.

¹² O Futebol Clube Santa Cruz, também conhecido como Galo, é um clube de futebol do Brasil sediado em Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul

A.R – Não... Esse foi um problema que eu sentia bastante. Principalmente depois que nasceram os filhos. Quando eu era solteiro não sentia muita saudade, mas depois que tu constrói uma família ai sim é complicado. Eu sentia muita falta, morava em concentração, a primeira semana até eu levava com tranqüilidade, mas depois vinha a saudade, eu não podia viajar que era longe, que nem São Paulo para o Sul... Sergipe... A distância era muita então retornava cada dois meses, três meses... Então eu ficava muito distante da família e isso o atleta, eu no caso, sentia muito.

M. C – Mas o senhor teve o apoio da família para continuar?

A.R – *Sempre* tive o apoio porque era a minha profissão. Era aquilo que eu tinha escolhido, e a família também, antes de eu casar já éramos noivos, já namorávamos, então ela já sabia que a vida ia ser daquela maneira, que nem sempre nós iríamos estar juntos. E ela também, como era professora, transferência de um estado para outro. Dentro do estado até é bem mais fácil que é só pedir a transferência e está trabalhando. Então fora do estado era complicado. E como nós precisávamos, tínhamos que trabalhar nós dois, teve essa distância até eu parar de jogar futebol.

M.C – E então o senhor ingressa na vida profissional no futebol e fica só no futebol? Não trabalha mais em nenhum local, nenhuma outra coisa?

A.R – Tu está dizendo hoje? Após a minha...

M.C – Quando você começou a sua vida de profissional...

A.R – Não. Só o futebol. Me sustentava com o futebol.

M.C – E conseguia sobreviver com o que ganhava?

A.R – Olha... Eu tive sorte até na minha carreira no início que o Esportivo, quando eu sai do Ipiranga, do primeiro contrato profissional praticamente foi no Esportivo, onde eu já cheguei com nome e consegui mostrara aquilo que o clube mais ou menos antes de me contratar, esperavam que eu fosse render. Então eu tive sorte no Esportivo, fiquei cinco

anos sempre fiz boas campanhas, sempre participei bem dos campeonatos gaúchos, e foi sempre um salário razoável. Sempre deu para sobreviver. Lógico que a minha transferência para o Grêmio ai foi um salto grande, onde a gente conseguiu dar uma equilibrada bem melhor.

M.C – Parte desse dinheiro vinha para a família? O senhor mandava para a família?

A.R – O dinheiro todo era direcionado para a família. Sempre, sempre. Para mim quase nada.

M.C – Pro senhor, para juntar alguma coisa? Para guardar?

A.R – Não. No interior não. No interior muito difícil. Hoje em dia o atleta que joga no interior consegue guardar porque o salário realmente triplicou. Naquela época nós ganhávamos muito pouco. O salário era baixo mesmo. Os jogadores que jogavam na dupla grenal ai ganhavam bem mais. Mas não era tanto que nem hoje. Hoje o atleta joga dois anos em um time grande e está realizado. Pode parar que não vai precisar mais trabalhar. Mas naquela época não. Naquela época o atleta, principalmente no interior, era assalariado.

M.C – E como foi essa transição para um time grande como o Grêmio?

A.R – Para mim foi o máximo. Em 1982 eu fui escolhido o craque do ano pelo Esportivo. Fiz um excelente campeonato gaúcho e vários clubes estavam interessados.

M. C – Qual era sua posição?

A.R – Eu era atacante.

M.C – Atacante mesmo.

A.R – Já atacante moderno. Porque naquele tempo falavam muito de ponta direita, ponta esquerda, eu já era o atacante moderno. Participava dos dois lados, por fora por dentro. Se fosse hoje eu estaria bem por dentro da realidade do futebol [risadas]. Então no Esportivo

eu fiz uma bela campanha em 1982 e vários clubes se interessaram como eu frisei, e o Esportivo acabou aceitando a melhor proposta que foi a do Grêmio. Então eu peguei uma equipe do Grêmio bem montada, um time realmente *muito* bom. Com Renato Gaúcho¹³, Caio¹⁴, Tarciso¹⁵, Tonho¹⁶, De Leon¹⁷, Casemiro¹⁸, BiDeck¹⁹, Masaropi²⁰ o goleiro, o China²¹, Bonamigo²², Paulo César Caju²³... Essa turma toda. Então realmente quando eu cheguei tive que mostrar muito trabalho, muita competência e qualidade para me manter no grupo. Eu nunca fui, no Grêmio, um titular absoluto. Eu tive as minhas oportunidades, me sai bem mas naquele grupo se a gente estava na lista de concentração já era grande coisa. E fui me mantendo. Estive no Grêmio dois anos ai depois eu fui negociado porque eu pedi para sair porque eu queria jogar. Eu queria jogar mas eu estava na reserva do Renato e não tinha muita oportunidade. Joguei a libertadores, quase toda a libertadora, eu jogava, pegava a lista e entrava no segundo tempo mas a minha expectativa era sempre ser titular. Entrar no time e jogar. Acabei pedindo para sair, ai fui vendido para a Inter de Limeira em São Paulo.

M.C – E lá o senhor entrou como titular?

A.R – Ai sim. Fiz uma campanha boa mas joguei um ano na Inter de Limeira. Como a saudade de casa era muito grande, eu estava vinculado à Inter de Limeira e a minha mulher não podia me acompanhar, eu tinha os filhos pequenos... Então eu pedi para retornar para o sul onde o Pelotas me contratou e nós acabamos morando em Pelotas, jogando nas equipes de Pelotas e até hoje estamos a vinte e quatro anos em Pelotas. A minha mulher só pegou a

¹³ Renato Portalupe, ex-jogador de futebol profissional.

¹⁴ Luis Carlos Saroli, mais conhecido como Caio Jr., ex-futebolista. Atuou no Grêmio entre 1985 e 1987, sendo artilheiro do campeonato gaúcho em 1985.

¹⁵ José Tarciso de Souza, nascido em 1951, atuou no Grêmio por 13 anos consecutivos.

¹⁶ Antonio José Gil, jogou no Grêmio no Mundial Interclubes, atualmente treina o São Paulo de Rio Grande.

¹⁷ Hugo Eduardo De Leon Rodrigues, jogador de futebol Uruguaio, foi campeão pelo Grêmio em 1983 da Libertadores da America.

¹⁸ Nascido em Serafina Correa, ex-jogador de futebol, lateral esquerdo, campeão mundial em 1983 com o Grêmio.

¹⁹ Jorge Baidek, ex-jogador de futebol, campeão mundial de interclubes pelo Grêmio.

²⁰ Geraldo Pererira de Matos filho, ex-goleiro e atual treinador de futebol. Entre os anos de 1977 e 1978 Masaropi conseguiu atingir a marca de 1816 minutos sem sofrer gol.

²¹ Henrique Valmir da conceição, ex-volante, hoje atua como técnico de futebol.

²² Paulo Afonso Bonamigo foi jogador de futebol atuando como meio campo nas décadas de 1970 e 1980, atualmente é treinador do clube All-shabab dos Emirados Árabes.

²³ Paulo César Lima, ex-jogador de futebol, campeão do mundo com o Grêmio em 1983.

transferência de Porto Alegre para Pelotas e lá nós fizemos nossa vida, criamos nossos filhos e estamos até hoje.

M.C – E essa data em 1983? Essa data histórica, o senhor presenciou a conquista do mundial...

A.R – Foi assim... Para mim como atleta foi o máximo. Todo atleta que inicia a carreira hoje, eu passo isso porque sou técnico de futebol das categorias de base atualmente. Então, eu trabalho já há dez anos no Progresso²⁴ em de Pelotas e eu passo para os meus atletas que estão iniciando que o máximo de um atleta chega é na conquista de um campeonato mundial, campeão gaúcho... Conquistar títulos. Então eu passo para eles e eles sabem que eu tive esses dois títulos importantes. Então para nós como atletas é o máximo. Esse título ajudou muito na minha carreira. Depois que eu parei de jogar eu conquistei meu espaço e consegui muitas coisas através dessa bela campanha, esse grande título que foi a libertadores e o mundial.

M.C – E o ambiente? O clima dentro do clube, dentro do time era propício para isso?

A.R – Naquela época... Lógico que sempre em um grupo de um time grande principalmente tu tem que lutar muito para conquistar teu espaço. Tu não pode te acomodar, muitas coisas tu tá sabendo que está errado mas tem que engolir, tem que procurar fazer sempre teu melhor, trabalhar no teu limite, no teu máximo para conseguir o teu espaço. Porque sempre vai haver, até hoje qualquer time de futebol sempre tem a panelinha, tem três ou quatro que estão sempre mais juntos, que lideram o grupo... Então tu tem que ter muito jogo de cintura, tu tem que fazer o teu trabalho e ter essa amizade com todo mundo porque senão tu acaba sendo afastado. Isso é normal. Em todo o setor onde tiver mais de cinco, seis trabalhando tu tem que ter muito jogo de cintura.

M.C – Mas então o senhor conseguiu conquistar seu espaço...

²⁴ O Esporte Clube Progresso é um clube destinado a descobrir talentos. Localizado na cidade de Pelotas RS, o clube é conhecido como “Celeiro de Craques”. Com uma equipe capacitada dirigida por ex-jogadores, o clube atua com crianças em situação de risco da cidade e não cobra mensalidade. Possui vínculo com o Sport clube Internacional de Porto Alegre.

A.R – Consegui. Com certeza. Eu sempre fui um cara amigo de todo mundo, sempre conversei bastante com todos também. A gente chama, dentro do grupo, do vestiário, que é trairagem. Isso nunca aconteceu comigo. Sempre fui correto e isso me levou longe na carreira.

M.C – E o senhor para de jogar quando?

A.R – Olha... Eu parei em 1994 para 1995. Foi um momento muito difícil que eu não estava preparado para largar o futebol. O baque foi que eu não sabia fazer outra coisa que não fosse jogar futebol. Então o baque foi muito grande, até tive que procurar psicólogo porque naquela época eles não preparavam o atleta para o após-futebol. Hoje tu já é instruído, tu já inicia pensando em parar lá na frente. Porque hoje ganha muito dinheiro então como eu frisei no início, os empresários te educam, te orientam “é assim: é uma carreira curta...” Na minha época não tinha além de ganhar pouco, tu não tinha a orientação de ninguém, e tu não pensava no amanhã ou daqui a cinco, seis anos “quando eu parar de jogar, o que eu vou fazer?”. Isso ai nem imaginava. Isso foi meio de repente, as pernas foram cansando e eu me senti realmente um lambari, um peixe fora da água. Totalmente fora da água. Então foi complicado. Foi cair a ficha um ano, dois anos mais ou menos que eu não fazia nada, não sabia fazer nada. E foi só saindo e não entrava nada. Foi complicado. Então a ficha foi cair uns dois anos depois e pensei “Opa! Vou ter que fazer alguma coisa, vou ter que me orientar, vou ter que trabalhar, vou ter que buscar outro espaço.” E graças a Deus eu consegui. Eu comecei a correr atrás e pelo nome do próprio futebol eu consegui trabalhar, consegui outro emprego e estamos ai até hoje.

M.C – E essa parte do Grêmio em 1983, oitenta e poucos, que o senhor era bem reconhecido por estar em um time grande e até a parte de se aposentar... Acaba que não é mais reconhecido como era antigamente... Como foi essa questão de deixar de ser reconhecido?

A.R – Isso que eu estava colocando. Por isso que eu entrei em parafuso. Em todos os clubes que eu passei eu sempre fui ídolo. Eu sempre ganhava o torcedor porque eu marcava muitos gols. Então eu era um atleta muito vibrante que conquistava o torcedor. Onde eu estava, estava sempre dando autógrafo e conversando com todo mundo. Então

quando eu parei de jogar eu senti muito. Porque eu vi que aquilo tinha acabado. “O que eu vou fazer agora? Ninguém mais me abraça ninguém mais me cumprimenta como antes”. E tu acabas sendo esquecido mesmo. Porque enquanto tu estás jogando e dando títulos e servindo para o clube, tu estás sendo acariciado, tem sempre um monte de gente na tua volta, sempre te entrevistando, te dando moral, estão gritando o teu nome... Aquela coisa toda. Quando eu parei, eu senti bastante isso aí. Mas depois eu vi que a vida continua que eu não podia... Que eu sabia que aquilo durou enquanto eu jogava futebol que eu era um ídolo. Que aquilo tinha acabado que eu tinha que procurar fazer outra coisa.

M.C – E hoje o senhor ainda está relacionado ao futebol?

A.R – Lógico. Depois de cinco anos que eu tinha parado de jogar futebol que eu fui convidado por um ex-amigo meu que jogou no juventude que é o Alcione Dornelles²⁵ que é o dono do Progresso, ele que é um empresário forte, me convidou para trabalhar com as categorias de base. Ele me conhecia, sabia da minha competência e eu aceitei. Aceitei e deu certo. Encaminhamos muitos jogadores já para o Internacional. Nós trabalhamos para o Inter. Mandamos todo ano uns três, quatro jogadores para lá para a base do Internacional. Jogadores como o Émerson, como o Daniel Carvalho²⁶, Fernando Cardoso, Tyson... E tantos outros... Saídos todos do Progresso que é um trabalho bem feito, bem profissional que o Progresso realiza e eu já estou dentro dele há 10 anos.

M.C – E isso é em virtude da experiência com o futebol que o senhor teve? Ou também acabou fazendo alguns cursos de especialização?

A.R – Lógico, a experiência ajudou muito. A vida toda com futebol, dentro de vestiários, mas eu fiz curso em São Paulo, me preparei também para trabalhar nas categorias de base. Me adaptei melhor com a experiência. Vinte anos de profissionalismo me ajudaram muito nessa nova profissão de técnico das categorias de base.

²⁵Ex-jogador de futebol, atual empresário e fundador e dirigente do Esporte Clube Progresso.

²⁶Jogador de futebol, descoberto pelo Progresso, atualmente jogador do Atlético Mineiro.

M.C – Hoje a gente vê muito a questão do atleta, que é uma referência para os jovens, para a meninada que está começando. Como é que o senhor vê a diferença dos atletas de hoje para os do seu tempo que jogavam? Como é que era o reflexo deles na sociedade?

A.R – Olha... É que hoje já que passamos e aprendemos com a nossa carreira desde o início, que foi complicada, que sofremos muito ... Nós não tínhamos moral com a sociedade. Nós não tínhamos direito... Direito não, a gente entrava em uma loja e a gente já via que não era bem recebido, a gente já notava essa diferença. Principalmente no interior naquela época. E nós não éramos orientados com o atleta é orientado hoje. Eu hoje digo para muitos dos meus atletas que eles estudem, que não joguem só futebol. Eles tem que ter uma boa cultura, eles tem que ser alguém na vida além de jogar futebol porque a carreira é muito curta do atleta, até pra fazer os contratos, para não ser enrolado, para não ser enganado. Eles tem que ser espertos. E é só com o estudo que eles vão adquirir isso ai, essa malandragem.

M.C – E o que o senhor acha que deve ser esse certo preconceito da época? Por não ter estudos e só ficar focado no futebol?

A.R – Explicar é meio difícil porque nós sentíamos isso bastante. Porque o atleta ganhava muito pouco naquela época, a maioria naquela época, 80% era de jogadores que tinham renda muito baixa, que moravam nas favelas, em vilas, e não tinha essa passagem de hoje tão rápida que se ganha muito dinheiro. Então naquela época se jogava dez anos no interior e não saia dali. E os clubes do interior também não davam condições, não exigiam muito. Então o atleta era visto como boêmio, da noite... Então ele não tinha a moral que tem hoje. Então a gente sentia isso. A gente sentia muito. Hoje eu vejo com outros olhos. Hoje o atleta é bem visto, ele inicia a carreira meio orientado. Todo mundo hoje quer ser atleta profissional porque é uma profissão rentável. Então hoje a sociedade vê com outros olhos.

M.C – E a questão do pertencimento clubístico? Vestir a camisa? O senhor acha que mudou muito de lá para cá?

A.R – Mudou. Mudou *muito* mesmo. Porque naquela época eu acho que o jogador era mais vibrante, tinha mais garra, mais vontade. Não pensava só no final do mês. Ele entrava em

campo e lutava muito mais do que tu vê hoje. Mesmo não tendo a preparação física, tudo isso que evoluiu, mas entrava em campo mesmo para... Era diferente. A vontade era muito superior do que é hoje. Lógico que não são todos. Mas tu assistindo jogos hoje tu vê que falta aquela motivação que há vinte, quinze anos atrás os atletas tinham.

M.C – Virou mais um produto de venda?

A.R – Mais um produto. É verdade. De tu estar fazendo um contrato aqui e tu já estar pensando no do outro ano como vai ser e tu acaba esquecendo de fazer aquilo que tu assinou que é o compromisso com o clube. Tem muitos atletas que hoje até treinadores estão assim. Tão assinados aqui mas já estão acertados com os clubes lá na frente. Naquela época não existia isso. Era um contrato que tu teria que cumprir o ano todo. Então tu tinha compromisso com o clube.

M.C – E hoje tu vê o atleta sendo lapidado muito cedo e sendo mandado para o exterior...

A.R – É. Hoje é comércio que nem tu fricaste. Hoje até nós estamos no meio disso ai. Tu trabalhas o atleta já para uma equipe grande, para ser negociado. E o atleta e os pais são sabedores disso. A gente chama os pais, explica direitinho como funciona, que se o atleta tiver qualidade ele vai ficar um ano, dois anos aqui e vai embora. Então isso tudo é colocado para os pais e a gente conversa diariamente com os atletas para eles serem bem encaminhados na vida.

M.C – Eles são instruídos então...

A.R – Diariamente são bem instruídos. Essa profissão que eles escolheram, estão por dentro de como é que é. Então eles tem que levar a sério e ter muito cuidado extra-campo, essa coisa toda para eles serem bem sucedidos.

M.C – Então o senhor está só trabalhando nas categorias de base?

A.R – É. Com sub-15 e sub-17.

M.C – E está realizado?

A.R – Estou realizado com o meu trabalho, graças a Deus.

M.C – Vendo teus guris dando frutos...

A.R – E o sonho maior é quando tu vê eles atuando, como o Tyson²⁷ hoje que estava no Internacional, que trabalhou dois anos comigo no juvenil. Isso ai realmente nos enche de orgulho, ver esses guris evoluindo e criando asas e mostrando a competência e qualidade e o trabalho de onde eles iniciaram. O Tyson até hoje vai para Pelotas e sempre comparece no Progresso, clube amador onde nós trabalhamos, e fica lá treinando, participando com a gurizada. Então ele faz parte do Progresso. E isso nos gratifica muito.

M.C – E eu vejo que o senhor trouxe alguns álbuns de fotografias aqui...

A.R – Pois é. Mas isso é pouca coisa que eu tinha lá, da época do Grêmio e tal... Aqui [mostrando o álbum para o entrevistador] mais ou menos tem a história. Tem que ter muito tempo...

M.C – Isso são recortes da época? O senhor mesmo que guardava isso ai?

A.R – Isso ai foi a minha filha Aline... Quando eu parei de jogar eu nem sabia que eu tinha tantos jornais... Ela foi buscando aqui e ali e até me presenteou com esse álbum ai...

M.C – Isso ai ela era incentivada desde pequena pelo senhor?

A.R – Desde pequena... Ela sempre acompanhou, sempre foi fã, não perdia um jogo. Ela que bolou esse álbum... Aqui está o Juventude, o Luis Felipe²⁸ [referindo-se a uma foto do álbum]. Aqui que eu fui em 1982 no Esportivo o craque do ano. O Valdir Espinosa²⁹ que era o treinador. Foi escolhido os craques do ano e eu fui escolhido o craque da temporada. Isso ai tem que ter muito tempo para olhar... Ai está a história. Ai é no Grêmio [referindo-

²⁷ Jogador de Futebol revelado pelo Progresso, atualmente atua na Ucrânia.

²⁸ Luis Felipe Escolari.

²⁹ Ex-jogador de futebol, atual técnico.

se a outra foto] que eu estava viajando por ai. Aqui mais é Pelotas, quando eu estava no Brasil. São só algumas fotos da época. Aqui que está o Luis Felipe, do Juventude [risos].

M.C – Você jogou com o Felipão?

A.R – Ele era o zagueiro, chegava junto, não era mole [risos]. Aqui é no Inter [referindo-se a outra foto], aqui é no Pelotas...

M.C – E fazendo um retrospecto, voltando atrás... O senhor faria tudo de novo?

A.R – Tudo de novo. Com certeza absoluta. Hoje com outra cabeça...

M.C – Talvez algum caminho diferente...

A.R – Claro que seria... Com certeza diferente. Porque os atletas são instruídos hoje. Não que eu fosse jogar mais mas acho que eu não iria jogar no interior. Iria jogar só em times grandes pela qualidade que eu tinha, pela competência, eu gostava de jogar mesmo. Eu acho que eu iria ser bem mais famoso, iria muito mais longe do que eu cheguei. Se iniciasse hoje, *nossa*. Com certeza eu ia explodir, ia estourar [risos].

M.C – E tu tem alguma perspectiva a mais para os próximos anos?

A.R – Olha, hoje é continuar com o trabalho no Progresso que é um trabalho bem organizado. Eu tive convite para ser técnico da segunda divisão lá no interior, mas não aceitei porque eu acho que ali no Progresso eles me dão todas as condições, tudo que eu preciso. Estou em casa, faço meu trabalho, eu mando, eu comando... Então muito difícil eu aceitar outra proposta. E como deu certo, formamos muitos atletas de qualidade, atletas de seleção brasileira, eu acho que vamos continuar esse trabalho. Acho que é por ai.

M.C – Está certo então. Muito obrigada Ademir. Até a próxima.

[FINAL DO DEPOIMENTO]